

Escrita Partilhada, Amizade Eletiva

Rodrigo Alves Ribeiro¹

1 – Escritor. Literato?

O Gilberto Freyre dos livros distingue-se do das cartas. Muito embora, acrescento, que ambos os artefatos compartilham de seu reflexo de fatuidade. O Gilberto Freyre dos livros é mais afirmativo, o das cartas, por sua vez, mais reticente e circunstancial. Porém, esta minha observação não objetiva traçar limites previamente definidos sobre onde inicia ou finda o Gilberto Freyre mais afiançado ou mais hesitante. Desejo, portanto, atentar com maior cautela para o seu empenho literário.

Escrever para ser escritor. Detentor de uma escrita de constante defesa não deixou ele de assim autoconstruir-se. Entre ser escritor e ser literato decidiu-se por ser ambos. Defendeu-se, vezes seguidas, da crítica de tom áspero sem nomeá-la. Destarte, quando da publicação de *Perfil de Euclides e outros perfis*, de 1943, e *Como e Porque sou e não sou Sociólogo*, de 1968, Gilberto Freyre alonga suas justificativas voltadas à tradução da forma e do estilo de escrita aos quais propunha-se.

Para o Professor Berger onde a sociologia parece melhor se situar é na imediata vizinhança das chamadas Humanidades [...]. Pois o social sendo, como é, dimensão crucial da existência do Homem, a sociologia – ou o sociólogo – está sempre tendo que considerar o que significa ser homem, nessa dimensão, e principalmente, o que significa ser homem numa situação particular [...]. Principalmente numa situação específica de espaço ou de tempo ou de espaço-tempo, acrescenta-se a Berger. Ponto em que êsse sociólogo, em obra recentíssima, adota um critério de definição da sociologia que coincide com o que usei delinear em obra já antiga de

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista CAPES/REUNI sob a orientação do Prof^o Dr^o Francisco Régis Lopes Ramos. Autor do livro *Moradas da Memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. [Coleção Museu, Memória e Cidadania, 06].

sociologia com alguma pretensão a sistemática e também a didática: o meu Sociologia, publicado no Rio em 1945 e agora em 4ª edição; e, se acusada por uns de obra prejudicada pela << literatice >> ou de << anticientífica >> ou de << superada >>, por outros cosagrada como antecipação às tendências mais vivas e atuantes na sociologia contemporânea: no seu estudo e no seu ensino².

No prefácio à primeira edição de *Perfil de Euclides e outros perfis*, este que para a segunda edição em 1987 passou por revista, Freyre posicionou-se contra a lógica que definia a escrita literária, e consequentemente quem a escrevia, sob os esquemas acadêmicos. A estética da escrita composta pela trama das reiteraões, detalhe acentuado nos livros de Freyre, levantava aversão naqueles contrários aos seus fins de escritor. De um pretensão literato.

Há em Gilberto Freyre o afã do “prazer do texto”. A composição de suas narrativas, distante das orientações academicistas, prezara pela fruição: sensitiva; estética. Os recursos de composição da narrativa por ele manipulados remetem à acepção de Roland Barthes: o autor é uma direção ao leitor. (BARTHES, 2010:09) Logo, a narrativa literária não é retórica. É plano da imaginação. É a possibilidade do devaneio, do ponderamento, da crítica e da militância, até. A narrativa, para volver o prazer, precisa do “simulador” de quem escreve. Aqui, retomo as defesas de Freyre transcorridas no prefácio à edição de 1943, constante no *Perfil de Euclides e outros perfis*: afirmar que se desculpa sem se desculpar; este que é o simulador do “escrevente” (BARTHES, 2010:09). Afinal, desculpar-se de quê? Do “prazer do texto”?

Gilberto Freyre assumira um pacto com o leitor. Aparentemente velado. Foi um escritor obsessivo. Portanto, não desejou emitir provas de que desejava o leitor: fez uso das artimanhas da fruição, para a fruição. Daí, não se recusou a autodefesa:

² Vide FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: UnB, 1968, p. 26-27.

Concordo com os que me acusam de escrever mal; com os que lamentam minha fraqueza na arte de composição. Não sou decerto literato – muito menos literato ortodoxamente acadêmico, senhor e voluptuoso da arte de construir convencionalmente bem suas frases. Que me perdoem, porém, a insistência ingênua e afinal inócua em me considerar escritor, admitida a distinção entre escritor e literato, admitida também no escritor simples e sem pretensões a literato a liberdade de escrever literalmente mal, de desprezar um tanto as exigências da composição, de procurar até conseguir, como puro experimentador, pequenas vitórias de decomposição de regra, de estilo e de convenções literárias e de combinação nova de palavras que reatam às vezes tradições esquecidas³.

O “simulador” foi recurso pontual na forma, e no estilo, de narrativa de Freyre. Uma narrativa destituída das certezas, mas não das intenções. Era escritor atento aos meios de conquista dos leitores mediante à linguagem que intuiu quando do uso de palavras angulosas, cadenciadas, palatáveis. Além de, nos descompassos do mercado editorial, fazer cumprir os prazos de publicação. Quanto mais livros mais argumentos de defesa frente às críticas exasperadas. Carta de 10 de março de 1962, remetida a José Olympio, alude sobre os enfrentamentos de Freyre e de seus apelos favoráveis à manutenção dos interesses que considerava intocáveis.

Não há como alijar das linhas desta tese o empenho literário de Freyre. Digo empenho não como defesa minha, mas como entendimento do processo e do projeto do fazer-se escritor. A vigilância por ele tentada não figurou apenas no tocante ao intratextual: estilo, forma da narrativa; mas no apurar das instâncias de seus livros: como publicar, quando publicar. Freyre, cabe lembrar, não se dedicou a definir os limites fronteiriços entre as ciências, as disciplinas. Refiro-me às das humanidades, por certo. Motivo de debates e defesas.

2 – As cartas, os amigos:

³ Vide FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 14-15.

Freyre, na carta de 10 de março de 1962, insinua a feição de um impasse: o efeito da crítica contrária ao seu estilo e forma de narrativa – de escrita – no atraso dos prazos de publicação de dois de seus livros mais propensos à uma sociologia com ares literários? A carta destinada a José Olympio transparece o incômodo de Freyre com a crítica “na imprensa brasileira” de então. Da não referência aos elogios que recebeu do editor norte-americano Alfred Knopf quando o visitara em Recife: “O bom do Knopf não sabe de meia-missa. Ignora até onde vai a mesquinha desses ...”, sublinhou.

Recife, 10-3-62.

Caro J. O.: Uma nota de noticiário literário dez hoje que ‘Talvez Poesia’ só aparecerá no <<fim do semestre>>. O mesmo seria certo de ‘Vida, Forma e Cor’ [...]. É incrível. Faço um apelo a V. e a seus irmãos, como amigos, para cumprirem a promessa, já retardada, segundo a qual tais livros teriam saído no fim do ano passado. Não se faz isto com um amigo que não me consta ter se tornado um peso morto total para a editora J. O.

Até aqui a queixa que V. concordará comigo, ser justíssima. [...]

Grande abraço para V. e os irmãos e filho do – Gilberto⁴.

Escritor vigilante que era nada poderia fugir de suas expectativas. Freyre fez de seus livros e amigos maios de defesa. Sabia ele que os livros – prefácios, introduções, notas – e as relações que mantinha com as pessoas proeminentes poderiam atenuar os entraves aos seus zelos. Mas, nunca detê-los. Desejou ele que as consagrações fossem perenes e harmônicas.

O projeto de escritor de Gilberto Freyre incluía a condição de literato. Otto Maria Carpeaux soma dividendos intelectuais ao anseio do amigo. Artigos publicados em jornais, sobre temas diversos relacionadas à literatura, nos idos da década de 1960, Carpeaux atribuiu a Freyre o pendor de literato. Em ‘Livros Americanos’, de

⁴ Carta de Gilberto Freyre para José Olympio de 10 de março de 1962. Consta em *Cartas do Próprio Punho...* (1978).

1960, ‘O Estilo de Gilberto Freyre’, de 1960 e ‘Brasil: ausências e presenças’, de 1965 dedicou-se a referendar o escritor pernambucano nos “manuais” concernentes à literatura. Não hesitou em afirmar: “Seu estilo é essencialmente anti-retórico. É o estilo de um sociólogo e historiador, colecionando e interpretando fatos. Para alcançar efeito estético, não precisa de ‘chaves de ouro’, antes as evita cuidadosamente. Não é ‘estilista’. Não é orador. É escritor⁵.”

O escritor já seria, de pronto, literato? Para ser literato o fim de seus escritos voltar-se-ia, primordialmente, para os devaneios da ficção? Segundo Carpeaux não havia em Freyre a distinção, o apartamento de polos. A obra freyriana é, de fato, plástica. Muito embora, Carpeaux esclarecia que para a história da literatura e da teoria literária a definição de literato estava aquinhoadada mais no patamar do “instrumental” e do “intelecto”. O que era, segundo ele, um grande erro. O literato, e por conseguinte a literatura, estavam na dimensão do “intransitivo”, do “imaginativo”. Outrossim, faz-se o literato: provedor e provento da imaginação; do intangível como razão da escrita. Portanto, nesta segunda perspectiva tentou fazer-se Gilberto Freyre: o autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, cuja primeira edição é do ano de 1964, e de *O Outro Amor do Dr. Paulo*, de 1977. Livros de um literato? Livros antecipados como literatura? Providos de elocução [a linguagem] na condição de arrebatamento: o da literatura como espanto [arte]. Digo: linguagem e não estilo.

A linguagem tensionada pela combinação de palavras preditas, mas destinadas a novos usos e novos sentidos. Estilo: as palavras para usos e sentidos particularizados. A linguagem para incorrer na sedução; o estilo, a intento, para [re]compor a linguagem. O estilo atribui ritmo à linguagem. Entretanto, a sedução e a [re]composição são furtivos. O literato e a literatura se

⁵ CARPEAUX, Otto Maria. O estilo de Gilberto Freyre. In: *Ensaio Reunidos (1946-1971)*. Rio de Janeiro: TopBooks/UniverCidade, 2005, Vol. II, p. 536.

sustentam na potência simbólica que expressam e intencionam perpetrar como lembrança. No entanto, Gilberto Freyre – sobre a aceção de sua literatura – esclarece:

O Outro Amor do Dr. Paulo é seminovela em continuação de *Dona Sinhá e o Filho Padre*. O autor a considera seminovela não por julgá-la, só por ser mista, inferior às novelas puras, mas por entender que, dentro de uma novela pura, não se realizaria sua intenção de juntar à ficção declarada, a larvada. Larvada pelo que nela tende a ser imaginativamente histórico. O semi é a admissão do ambíguo. (FREYRE, 1977: 02)

O literato e sua literatura alçam projeção apenas na crítica? E os leitores? Estes, os legitimadores de uma obra. Aqueles, os credores. Freyre, em artigo sobre o modo e a forma de escrever literatura de José Lins do Rego, aos quais afirmara ser vinculado, não deixou escapar a concepção do crítico francês Jacques Boulenger sobre o “memorialismo” e a imaginação de Marcel Proust; por extensão o seu e o de José Lins do Rego: “a imaginação não cria como vulgarmente se pensa, isto é, inventando; o que ela faz é combinar. E essa obra de combinação não se realiza sem a memória.” (FREYRE, 1950: s/p)

Rebatendo às críticas, estas dotadas de tom que considerava abrasivo, nos anos de 1960 e 1970, Freyre não se reservou a demonstrar seu apreço às opiniões dos intelectuais e especialistas estrangeiros. Inclinação que outrora confessou ao editor José Olympio: refiro-me à escolha de Luís Martins para escrever o texto das orelhas da 10ª edição do *Casa-Grande & Senzala* em 1961. Sentimento que o acompanhou nos distintos quadros de sua trajetória como escritor de vulto. Na seção ‘Nota do Autor’, na abertura da “seminovela” *O Outro Amor do Dr. Paulo* não se negou a reafirmar que a “[...] tradução ao inglês do *Dona Sinhá e o Filho Padre* (Mother and Son) escreveu, em artigo de página inteira, o crítico do *The New York Times* (Book Review) que era ‘metaliteratura’,

significando que abria, como seminovela, novo caminho à ficção literária”. (FREYRE, 1977:02)

Em 31 de março de 1979 o jornal *O Estado de São Paulo* publicara matéria discorrendo sobre aquilo que Gilberto Freyre nomeava de “campanha de silêncio contra os seus livros”. Retrucava a pouca repercussão que recebia, da imprensa de raio nacional, afirmando que “na revista IstoÉ” [saía] [...] três linhas [...]. E na Veja[,] [...] nada”. De pronto, sentenciou: “Acham que sou reacionário. Eu é que os acho reacionário (os comunistas)”. O Brasil sob o regime militar do qual ele era contemporâneo não hesitou em expor a opinião que nutria sobre a concepção política que sustentava: “O Brasil não pode, de repente, tornar-se anárquico-constitucionalista. Hoje, defendo a existência de governos fortes, não violentos ou policiais, mas nacionalisticamente fortes. Fortes na defesa dos interesses nacionais”. (*O Estado de São Paulo*, 31 de março de 1979)

Foi um defensor de suas tomadas políticas, intelectuais, literárias. Sabia Freyre que os livros que escrevia e publicava figuravam como meios de defesa às apreciações discordantes às das suas convicções. Promovia-se. Não se negava aos autoelogios. Expusera seus créditos e dividendos sem pudor. Da relação de amizade que mantivera com José Lins do Rego, por exemplo, buscou alinhar predicativos de relevo intelectual. O artigo ‘Recordando José Lins do Rego’, constante no *Vida, Forma e Cor*, traz fragmentos de cartas do literato paraibano remetidas a Freyre. São trechos que sugerem a leitura de um José Lins do Rego mais solicitante de atenção e amparo sentimental.

[...] Reconheço ter sido para José Lins do Rego, nos dias mais plásticos da sua formação literária, um mestre e mesmo um professor. Não resisti à sedução de sê-lo, tratando-se de alguém da minha idade que se oferecia à minha influência com a maior plasticidade, com a maior receptividade, com uma doçura de espírito por vezes absoluta, de noviço de jesuíta para com mestre de noviços. [...] Fui mestre e – repito – até professor de José Lins do Rego, por exigência desse discípulo angustiado por falta de quem lhe desse ao desejo de ser

escritor a orientação que ele buscava. Fui seu mestre e até seu professor, sendo seu amigo, seu íntimo, seu confidente, seu companheiro de várias de suas aventuras de moço; e procurando também aprender com ele quanto ele pudesse me ensinar. Não procurei fazer dele uma repetição do que eu era mas dar-lhe quanto pude lhe dar para que sua personalidade se refizesse para a expressão literária de acordo com suas características e suas predisposições já reveladas pelo panfletário e pelo jornalista. Daí ter gasto tardes inteiras, traduzindo para ele, do inglês e até do francês, páginas de autores que lhe revolucionariam o sentido literário; a percepção, pela arte, do seu ambiente e dos seus antecedentes; o gosto pelo regresso à infância; e que eram autores dos quais não se encontravam, então, traduções em língua portuguesa ou na espanhola. Traduções por ele procuradas com avidez. Daí ter sido, contra todas as minhas tendências, uma espécie de seu professor de língua inglesa. De língua e literatura⁶.

O projeto de escritor de Gilberto Freyre assentou-se na explanação de constitutivos vigorantes ao propósito que perseguia. Sabia que a ordenação de sua autobiografia adquiriria relevo se nela constasse alusões à relação que tracejara na trama, na rede, de intelectuais a qual estava vinculado. Expor particularidades passíveis à exposição aproximavam-no da literatura, a propósito, na qualidade de escritor, de literato afeito às acepções – refiro-me às categorias de classificação de gêneros – menos compartimentadas que a teoria e a crítica literárias supunham como convencionadas, vigentes, aceitáveis.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*, (1987) p. 70-71.